

# Descoberta nova técnica para colagem arqueológica

Ayrton Maciel

A descoberta de uma técnica para colagem de fragmentos de cerâmica em arqueologia, a partir de experiências realizadas pelo pesquisador Marcos Albuquerque, está revolucionando os trabalhos de recomposição de peças primitivas no Laboratório de Arqueologia do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco. A técnica, bastante simples, já está sendo utilizada em outros laboratórios arqueológicos de instituições de ensino e pesquisa do País, apesar do autor do invento, pouco dimensionando sua importância, não o ter publicado em revistas científicas nacionais ou no Exterior.

O processo tem se mostrado rápido, econômico e eficiente, além de bastante versátil, pois, permite colar e descolar fragmentos sem prejuízo das próprias partículas. O arqueólogo observou, em seus experimentos, que a goma laca ou "asa de barata", como popularmente é conhecida, comumente usada como verniz de madeira, faz colagem segura e possibilita - em caso de erro do pesquisador - a reversão da prática sem risco de estrago do material histórico. Há um ano trabalhando com a técnica, o arqueólogo decidiu, agora, divulgá-la publicamente, saindo do restrito círculo acadêmico.

## EXPERIMENTAL

As dificuldades da colagem e restauração de peças arqueológicas têm sido preocupação constante de congressos e conferências científicas em nível internacional. A técnica enunciada pelo arqueólogo Marcos Albuquerque é o resultado da determinação dos pesquisadores em encontrar meios mais simples e menos prejudiciais aos achados de realizar a colagem das peças. Repete, também, o princípio máximo da ciência: é fruto da experiência. "A descoberta foi experimental, como toda descoberta. Fomos experimentando diversos materiais até chegar um que deu certo", explica Albuquerque.

Revela o pesquisador que a cerâmica encontrada no Nordeste do Brasil é constituída, em sua grande maioria, por fragmentos. Peças inteiras são raras e a recomposição da forma do objeto é auxiliada pela colagem das partículas. Mas experiências feitas no Laboratório de Arqueologia da UFPE, criado há 25 anos, foram testadas colas de secagem, de extremamente rápida a lenta. Em ambos os casos, as vantagens eram limitadas e o trabalho de recomposição mais difícil. "As colas de secagem rápida (como a Super-bond) oferecem a desvantagem de exigir movimentos rápidos e precisos na operação, pois qualquer falha acarretaria uma distorção na forma, como proporcionaria erros acumulativos", justifica.



Albuquerque, o inventor do método

As colas de secagem lenta (a exemplo da Tenax), por outro lado, mesmo permitindo o encaixe preciso, retardam consideravelmente a conclusão do trabalho e exigem cuidados especiais durante a secagem. "Cola-se uma peça hoje e a outra só amanhã", diz. "Muitas vezes, um pequeno afastamento ocorrido durante a noite consolida as peças em posição incorreta", complementa. A correção, por sua vez, em boa parte dos casos, não é simples. A aplicação de solventes para remover a cola requer muitos cuidados e as peças ficam sob risco de se partirem.

## TECNICA

As pesquisas promovidas com materiais colantes, no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal, levaram Marcos Albuquerque a encontrar na goma laca vantagens sobre as colas convencionais e demais materiais com tal propriedade. A "asa de barata" permite a colagem rápida, apresenta tempo suficiente para o ajuste perfeito entre as peças, em caso de erro possibilita uma fácil correção, é de fácil aplicação, tem um custo relativamente baixo e está compatível com os demais processos de restauração.

Para aplicar a técnica, os instrumentos requisitados são igualmente simples e encontrados em qualquer loja de material de construção: um maçarico ou similar, pincel, dois alicates, estilete metálico e uma porção de goma-laca. De posse do material, o processo recomenda procedimentos que facilitam a colagem: a separação dos fragmentos que se unem em blocos, próximo ao local do trabalho, a lavagem e secagem antecipada das peças, limpeza, com pincel, da superfície a ser colada, para evitar a permanência de poeira, e o direcionamento



A nova técnica já está em uso

do maçarico em chama sobre o mesmo local, evitando-se o aquecimento insuficiente ou demasiado. "O operador encontrará com facilidade o ponto correto em função da espessura do fragmento", ressalta o pesquisador.

Aquecidas as duas peças, as superfícies devem ser colocadas contra a goma laca e em seguida ajustadas uma contra a outra. Em poucos segundos, os fragmentos estão colados, podendo assim ser processada outra operação com o mesmo ou com outro vasilhame. O arqueólogo adianta que, no caso do contato da peça não fundir a goma-laca, a causa foi a temperatura insuficiente, enquanto que, se a cola fundir excessivamente, tornando-se quebradiça após o resfriamento, será preciso reduzir o tempo de aquecimento.

A diferença no encaixe de uma peça é facilmente corrigida com um leve aquecimento do local e a devida reparação, assim como o excesso de goma-laca é removido com o estilete metálico, do tipo utilizado em odontologia. Já os espaços vazios poderão ser completados com gesso ou qualquer material aplicado na restauração. A goma-laca normalmente se apresenta sob a forma de lâminas bem fragmentadas, antes da operação da colagem e, quanto menor for seu tamanho, maior será a qualidade da operação.

Embora afirme ter consciência de que qualquer experiência desenvolvida em laboratório de pesquisa deve ser levada ao conhecimento da comunidade científica, Marcos Albuquerque explica que julgou de pouca importância divulgá-la, por considerar que "a técnica desenvolvida é bastante simples". Reconhece, todavia, que a divulgação, mesmo que de resultado negativo, favorece os estudos da arqueologia brasileira.